

O Hip Hop

muito além da música

"trabalham o dia inteiro, é um andróide do sistema e à noite se recolhem ao preconceito do seu doce lar" (grupo RZO)

O Hip Hop no Brasil é uma das principais ferramentas de crítica usada pelos jovens em situação de vulnerabilidade social. É a voz, a arte das periferias e das favelas. O rap (rhythm and poetry), composto de ritmo e poesia, descreve a realidade, dura e crua da pobreza, somada à violência e à discriminação política e social. O movimento aborda por meio da cultura a desigualdade econômica, as perspectivas de emprego e o acesso restrito à educação. Relata a vida na comunidade e

suas condições precárias, debate o consumo de drogas, o preconceito e o racismo.

Toda essa manifestação é vista e sentida na arte: poesia, grafite e letras das músicas criadas pelo movimento.

O Hip Hop é um movimento cultural que surgiu na Jamaica, da fusão da tradição africana com o canto falado e o ritmo dos bailes dos guetos, e foi levado pelo DJ Kool Herc às comunidades afro-americanas das regiões do Bronx, Queens e Brooklyn de Nova York, no final da década de 60.

A dimensão do que é ser jovem, pobre, negro, morador da periferia de uma grande cidade como São Paulo pede do profissional de saúde um olhar cuidadoso para suas necessidades e linguagens.

Um dos pioneiros do Hip Hop é Afrika Bambaataa. O DJ norte-americano prega há mais de 30 anos que, sem o quinto elemento, a consciência, os outros quatro – a dança de rua, o MC (Mestre de Cerimônia ou o improvisador de versos), o DJ (DeeJays) e o grafite – não se harmonizam como expressão cultural e política.

Em São Paulo, onde surgiu há 18 anos, nos tradicionais encontros no metrô São Bento e Praça Roosevelt, predomina uma sintonia com o pensamento de Bambaataa. Em Diadema, cidade da região do ABC, há uma representação da Zulu Nation, organização criada pelo músico nos Estados Unidos em 12 de novembro de 1973, com sucursais em dezenas de países,



Hip Hop incentiva jovens na busca por solução para violência, drogas, racismo, DST/AIDS, etc.

que realiza ações em parceria com órgãos governamentais e privados, na construção de políticas culturais e sociais, que contribuam para a inclusão social da população negra e pobre.

Seu lema é Paz, União, Amor e Diversão.

A arte e a cultura produzidas pelo Hip Hop, promovem o engajamento da juventude em causas sociais. “Somos cronistas da periferia e desenvolvemos projetos culturais, discutimos letras de músicas e questões que afligem a comunidade, propomos idéias e soluções. Não há individualismo”, afirma Gildean Silva Pereira (Panikinho), de 34 anos, pedagogo, educador social, MC e membro da Aliança Negra Posse, de Cidade Tiradentes, zona Leste de São Paulo.

Os adeptos do Hip Hop se organizam em posses que nasceram justamente dessas reuniões nas comunidades. A primeira posse formada foi o Sindicato Negro, em meados de 1980, no centro de São Paulo. Depois, surgiu a Aliança Negra, seguida da Conceitos de Rua, da zona Sul, e da Haussa, de Santo Amaro, depois vieram outras. “A Internet permitiu que fossem criadas também as posses virtuais que estabelecem suas redes de contato”, ressalta Panikinho.

Panikinho lembra que os jovens negros da periferia, entre 15 e 24 anos, são as principais



Movimento aborda desigualdade econômica, emprego e acesso restrito à educação

Sabemos que os jovens procuram pouco as Unidades de Saúde. Eles desejam respeito e autonomia, precisam de vínculo, necessitam ser reconhecidos aos olhos do trabalhador da saúde.

vítimas da violência urbana e os principais excluídos. O Hip Hop é universal.

A jornalista Liliane Braga, de 30 anos, é um exemplo disso. Neta de índio e baiano, filha de negro com branco, bisneta de português e africano, nasceu e foi criada na periferia, no Jardim Primavera, região de Sapopemba, na zona Leste, e teve o Hip Hop como trilha sonora de sua adolescência. “Por esses motivos me sinto parte da ‘ge-

ração Hip Hop’. O movimento fez parte da minha vida”, ressalta a jornalista.

Liliane Braga faz mestrado em psicologia social e participa de um projeto de intercâmbio, proposto pelo Ministério da Cultura, no qual tem contato com jovens ligados ao Hip Hop em Cuba. A estudante da PUC em São Paulo, afirma: “O jovem do Hip Hop é alguém que se entende dentro de uma cultura universal, pois ele dialoga com qualquer outro jovem, de qualquer lugar do planeta. Essa possibilidade para eles é muito importante”.

Reportagem

Cláudia Gouvêa

Colaboração

Denise Condeixa

Márcia Kersul

Maria Lúcia Scalco